

Perspectiva de Cura
Federico Roldán Vukonich

Através de vestígios arquitetônicos e artefatos, sabemos que a cruz é um símbolo pré-cristão presente em muitas culturas antigas de regiões como Mesopotâmia, Egito, Índia, Grécia, América Central e África. Antes de ser introduzida na religião monoteísta como símbolo de sofrimento e redenção por todos os "pecados do mundo", a cruz grega — com sua estrutura simétrica de quatro braços — já representava o equilíbrio cósmico entre o céu e a terra.

Na exposição “Perspectiva de Cura”, o artista Federico Roldán Vukonich utiliza a forma da cruz grega para expressar um gesto de profanação: apresenta um conjunto inédito de esculturas que desafiam a percepção do público ao contrastar a delicadeza do papelão com a aparência rígida do metal oxidado. O óxido de ferro confere à superfície uma coloração avermelhada que evidencia a transformação contínua da matéria e a experiência humana de reconexão com o próprio instinto/natureza. As paredes abrigam essas esculturas, que à primeira vista parecem pesadas; no entanto, flutuam com incrível leveza e encanto.

No teto, a presença de folhas de eucalipto cria um céu suspenso que, enraivecido, parece aguardar o momento de cair sobre nossas cabeças. No chão, bancos de aparência rochosa nos convidam ao descanso. Essas superfícies, produzidas em papel machê e evocando a figura de um dólmen, propõem uma experiência contemplativa tanto do ambiente quanto do próprio corpo. No interior, pequenos aquíferos embutidos funcionam como reservatórios silenciosos, conectando o visitante à calma originária da água doce. Na sala adjacente, em contraste com a serenidade, uma carroceria perfurada por tiros revela a fúria reprimida. Os buracos que a perfuram são percebidos como pequenos vazios no peito. Nesse conjunto de obras, não há literalidade nem respostas fáceis: apenas um abismo repleto de paradoxos. Acima de tudo, Federico cria uma experiência sinestésica — marca registrada de todas as suas exposições —, pois há sempre um convite inesperado à contemplação, à psicodelia ou à expansão da consciência em direção a camadas mais profundas da existência. Nesse ponto, a arte não se limita a refletir a realidade, mas se torna um conjunto mais complexo de práticas, saberes, discursos e escavações no tempo, capazes de transformar e ritualizar a vida.

No passado, artistas memoráveis como o poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud (1896-1948), o alemão Joseph Beuys (1921-1986) e a brasileira Lygia Clark (1920-1988) destacaram esse aspecto curativo e transformador da arte. A arte cura? No caso específico de Artaud, o teatro deveria ser como um ritual: um espaço de liberdade para a renovação de uma sociedade doente e desencantada, vazia de sentido. Portanto, a

experiência estética de “sair de si”, após um choque, êxtase ou imersão no caos, promoveria o renascimento de um ser mais resiliente. A ideia de cura, então, não significa a remissão completa de uma dor, ferida ou problema, tampouco seu esquecimento por meio da alienação. “Curar-se significa ser capaz de sofrer, de tolerar o sofrimento. Curar-se, nessa perspectiva, não é simplesmente ser feliz, é ser livre”¹. Por uma perspectiva psicanalítica, a cura é um longo processo de amadurecimento que nos permite enfrentar conflitos de forma mais consciente, alcançando maior autonomia e liberdade. “A arte não é mais um objeto para contemplar, para encontrar beleza, mas uma preparação para a vida”, afirmou Lygia Clark. Particularmente, gosto de pensar na arte como um espaço seguro para reorganizar nossas fragilidades internas, para recolher os fragmentos e migalhas espalhadas pelo chão. Arte como um ensaio para a vida. Arte como um oráculo para o futuro.

Sem esquecer-se da beleza, as obras de Federico ressoam com um ritual de preparação: um espaço confessional onde a liberdade é princípio. Por alguns instantes, estamos libertados de restrições sociais, dogmas, convenções e outras formas do pensamento totalitário. O artista reinventa sua própria fé. Dentro das cruzes, há elementos como pregos, latas, moedas, pedras e gomos de toranja: pequenos amuletos que guardam um segredo oculto. Esses elementos podem até sugerir uma metáfora para a dor, os vícios, o vazio e a coragem que fazem parte do processo de cura de uma ferida aberta. Mas não há uma chave única para lê-los ou interpretá-los. Afinal, existem muitas teorias e perspectivas sobre o que significam doença e cura.

Talvez, para curar, devamos aceitar nossa própria sombra, assim como celebramos a luz. Aceitar nossa pequenez diante do universo e abraçar as profundezas. Dizer adeus à linguagem e retornar ao ponto de partida. Abrir mão do controle e simplesmente sentir.

Rubens Takamine

¹ KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 220.